



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **LUGAR DE FALA: EPISTEMOLOGIAS E CONFIGURAÇÕES DOS NOVOS FEMINISMOS QUE EMERGEM NA CIDADE DE MANAUS/AM**

Elisiane Sousa de Andrade<sup>1</sup>

Iraildes Caldas Torres<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia, na Universidade Federal do Amazonas/UFAM -  
elisianedeandrade76@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Amazonas/UFAM (PPGSCA), doutora em Antropologia Social pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo- iraildes.caldas@gmail.com

### **Resumo:**

Este artigo ocupa-se de uma breve abordagem sobre o conceito de lugar de fala, a partir da concepção da filósofa Djamila Ribeiro, considerando o direito de existir, as diferentes categorias de feminismos, locus social, identidades e representatividades de mulheres. Buscou-se localizar e compreender as configurações dos novos feminismos que emergem na cidade de Manaus, capital do Amazonas, num contexto de mudanças cultural, social, política e econômica. Procura-se também dar visibilidade as diversas vozes que ecoam na luta por mais políticas públicas para as mulheres e a importância dos feminismos para a efetivação feminina na participação política, sobretudo, nos espaços de poder e decisão. A estrutura metodológica deste artigo concentra-se numa abordagem sobre o lugar de fala, estabelecendo uma rede de conversação entre empiria e teoria, para compreendermos as novas estratégias de pertença e organização das mulheres.

### **INTRODUÇÃO**

Este texto se ocupa de uma breve abordagem sobre o conceito de lugar de fala a partir da concepção apresentada pela filósofa Djamila Ribeiro, na perspectiva do direito de existir, das diferentes categorias de feminismos, *locus* social, identidades e representatividades de mulheres. Busca-se

localizar e compreender as configurações dos novos feminismos que emergem na cidade de Manaus, capital do Amazonas, num contexto de mudanças cultural, social, política e econômica. Atentamos para as especificidades do ativismo contemporâneo e as pautas que marcam a cena das mulheres que há tempos encontram-se engajadas no que se convencionou chamar terceira onda<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> -A terceira onda do feminismo teve início no final da década de 1990, visando desafiar ou evitar as definições essencialistas da feminilidade feitos pela segunda onda, que colocava ênfase demais nas

experiências das mulheres brancas de classe média alta. Traz então, a percepção de que as mulheres são de muitas cores, etnias, nacionalidades, religiões e origens culturais. Se concentra em um interpretação



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

do feminismo, neste pedaço urbano e dinâmico da Amazônia.

O tempo contemporâneo traz um feixe de discussões que apresenta o sujeito descentrado, ou seja, descolado da sociedade, da competição, do individualismo e do consumismo que marcaram a modernidade. Os sujeitos se fazem a si próprios, longe dos comandantes e dos partidos políticos. Constroem seus próprios lugares de pertença e de fala.

A estrutura metodológica do texto concentra-se numa abordagem sobre o lugar de fala, estabelecendo uma rede de conversação entre empiria e teoria, para compreendermos as novas estratégias de pertença e organização das mulheres. O trabalho de campo é realizado junto algumas feministas, buscando identificar as vozes que ecoam nos feminismos o lugar de fala, *locus* social e organização dos movimentos que emergem na atualidade.

Ouvimos sob o aporte da entrevista semiestrutura três jovens feministas universitárias, 01 operária de uma fábrica do Distrito Industrial de Manaus e 01 professora universitária pesquisadora de gênero.

---

pós estruturalista do gênero, sexualidade e das diferenças.

É assim que este estudo assume fundamental importância à temática de gênero que assume novos contornos organizativos neste limiar de milênio, podendo também contribuir para os movimentos feministas que discutem questões de gênero.

### **QUE LUGAR DE FALA É ESSE?**

Manaus, capital do Estado do Amazonas, é a maior metrópole da Região Norte do Brasil, localizada na confluência dos rios Negro e Solimões, com população estimada de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2017) em 2.130.264 habitantes. Nesta cidade, a maioria da população é formada por mulheres, percentual de 51,18%, das quais, 0,4% reside na área rural e 99,6% residem na área urbana (Censo Demográfico/2010).

É nas vidas mergulhadas nesse pedaço da Amazônia profunda que diversas vozes ecoam suas dores, seus saberes, seus anseios, seus sonhos, suas identidades, afirmam o pertencimento e a busca do reconhecimento como sujeitos de direitos ao acesso à cidadania e visibilidade.

Este lugar vem sendo desmistificado e descolonizando, principalmente pelas vozes das mulheres das águas e das florestas.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Nele, emergem feministas e diferentes categorias, dando vozes às especificidades, sejam indígenas, trans, lésbicas, operárias, negras, universitárias- nesse processo revolucionário, elas não aceitam mais a invisibilidade, tão pouco a dualidade. E na diversidade os feminismos vão se configurando.

A situação das mulheres de Manaus não está deslocada das que vivem em outras partes do planeta, das diversas lutas travadas ao longo dos anos, nem alheia aos efeitos da globalização, com avalanche do mercado e do acúmulo, onde o lucro está acima de tudo, principalmente da vida, das culturas e dos direitos, que superioriza epistemologias e ignoram outras. É nessa forma de como a globalização se organizou, a serviço do capital, que todas as formas domínio, vão se fortalecendo e reconfigurando. As mulheres mesmo sendo maioria em muitos lugares, são as principais vítimas dos sistemas dominantes.

Essas questões nos remete ao pensamento de Capra sobre a ecologia profunda, da percepção de interdependência dos fenômenos, na perspectiva do novo paradigma, de questionamento das estruturas dominantes. Podemos perceber a importância do feminismo para desestruturar os diferentes padrões de dominação social. Em A teia da vida, ao falar da Ecologia

Social e do Ecofeminismo, Capra destaca os sistemas do dominador.

O solo comum das várias escolas de ecologia social é o reconhecimento de que a natureza fundamentalmente antiecológica de muitas de nossas estruturas sociais e econômicas está arraigada naquilo que Riane Eisler chamou de "sistema do dominador" de organização social." O patriarcado, o imperialismo, o capitalismo o racismo são exemplos de dominação exploradora e antiecológica.  
(CAPRA, 1996, p.26)

Na perspectiva da ecologia profunda, da percepção das muitas faces e formas de dominação, reconhecemos a importância dos feminismos, principalmente para o rompimento e enfrentamento ao patriarcado e superioridade masculina, nessa perspectiva do ecofeminismo, Capra (1996,p.28) ressalta na abordagem sobre as estruturas hierarquizadas, "de fato, nossas estruturas políticas, militares e corporativas são hierarquicamente ordenadas, com os homens geralmente ocupando os níveis superiores, e as mulheres, os níveis inferiores"



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O feminismo no plural traz justamente as diferenças questiona e busca desmontar as estruturas dominantes patriarcal e capitalistas. É importante ressaltar que as feministas manauara, amazônicas estão no arco latino-americanas, emergem também, no sentido da visibilidade e reconhecimento, aos conflitos, especificidades, contradições e contra hegemonia no feminismo. Quebrar os mitos de um feminismo universal e dualista é perceptível nessas novas configurações e vozes.

Andrea D` Atri ao discorrer em seu livro, Pão e Rosas, o documento elaborado pelas mulheres latino-americanas e caribenhas, no IV Encontro ocorrido em Taxco, México, no qual as diferentes concepções e discursos declarativos das diferenças das diversas categorias de mulheres, distintas e pensantes, onde a identidades de gêneros e vozes anunciam os mitos que impedem a visibilidade das diferenças no interior do Movimento. Propõem às feministas latino- americanas,

Não neguemos os conflitos, as contradições e as diferenças. Sejamos capazes de estabelecer uma ética das regras do jogo do feminismo, firmando um pacto entre nós, que nos permita a avançar em

nossa utopia de desenvolver em profundidade e extensão o feminismo na América Latina. ( D` ATRI, 2008, P.121/122).

São nessas diversidades de categorias de locus social, que as mulheres assumem o protagonismo de pertencimento e lugar de fala. Cada mulher tem suas singularidades, subjetividades, mas é o feminismo no plural, que visibiliza as pautas específicas de cada categoria, pois assim, reconhecemos a diversidade feminina. Para Djamila (2017, p.41) “a insistência de falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto”.

Falar num feminismo único seria ignorar as especificidades de cada grupo social. As demandas de lutas das mulheres negras, indígenas, pobres, trans, lésbicas, não são as mesmas das mulheres brancas, por exemplo, por mais que pautas prioritárias como o combate a todas as formas de violências e descriminalização do aborto, estejam no eixo dessas categorias.

Colocar essas questões aqui é provocar a desestabilização de uma epistemologia dominante. As epistemologias dominantes, as quais determinaram por muito tempo, os lugares de fala, o que deve ser falado, quem tem



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

conhecimento e quem deve falar. Nesses casos, homens, brancos abastados e as culturas superiorizadas.

Djamila faz uma abordagem pertinente, principalmente por destacar o pensamento de várias estudiosas feministas sobre a necessidade de romper com epistemologia dominantes, chamando atenção para a importância do debate sobre as identidades e de como as relações de poder e opressão se articulam.

Todas refutam a neutralidade epistemológica, a necessidade do reconhecimento de outros saberes e a importância de entendê-los como localizados e a importância de se romper com um postulado de silêncio. Tanto Lélia Gonzalez, como Linda Alcoff, Spivak, entre outras, pensam a necessidade de romper com a epistemologia dominante e de fazer o debate sobre identidades pensando o modo pelo qual o poder instituído articula essas identidades de modo a oprimir e a retificá-las. (RIBEIRO, 2017, P.89).

É a partir deste recorte de gênero, que buscamos identificar as configurações

dos novos feminismos presentes em Manaus, a localização social e o lugar de fala. Essa colocação aqui, não se trata de palavras soltas ou discurso bem elaborados, mas de lutas por acesso a cidadania, ao respeito, ao pertencimento a sociedade, de dá visibilidade as mulheres de categorias estigmatizadas, marginalizadas e excluídas.

De acordo com Djamila Ribeiro (2017, p.64), “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. A autora ainda enfatiza o conceito de lugar de fala no sentido da existência plena. “Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade da transcendência” (p.64).

Esses novos feminismos trazem a reflexão e necessidade de um modo de agir político, e nesse sentido deve ser pensado no plural, para garantir a inserção das diferenças e localização dos grupos nas relações de poder, vivenciadas entre mulheres e seus interesses diversos, tornando-se eco, pernas, olhos e coração de outras mulheres, subalternizadas, invisibilizadas, estereotipadas, folclorizadas e silenciadas.

Djamila destaca o pensamento de Lélia Gonzalez, Linda Alcoff e Spivak, “Pensar lugares de fala para essas





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pensadoras seria desestabilizar e criar fissuras e tensionamentos a fim de fazer emergir não somente contra discursos, postos que ser contra, ainda ser contra alguma coisa. Ser contra hegemônica, ainda é ter como norte aquilo que me impõe”. (P. 89/90).

A chamada terceira onda do feminismo, tendo Judith Butler, despontando como um dos grandes nomes desse momento, busca desestabilizar no campo simbólico, seja de dominação masculina, capitalista ou religiosa, tudo que as inferiorizam, excluem, oprimem e silenciam, buscam espaços onde sintam-se contempladas e representadas.

A partir desses feminismos notamos também, uma nova configuração na linguagem, utilização dos diversos espaços, sobretudo, as redes sociais, onde a linguagem não-binária, expressão usada principalmente na escrita, substituído as vogais “a” e “o”, que caracterizam gênero nos substantivos e adjetivos, por “@”, “e” e “x”. exemplos: “tod@s”, “amigues”, “alunxs”.

É importante salientar que quando se fala em localização de fala a partir do locus social, não está sendo colocado no sentido autoritário e restrito, onde só o a mulher pode falar pela mulher, ou só a mulher negra

fala pelas mulheres negras, ou um homem branco cis não possa falar sobre as lutas das mulheres trans negra, por exemplo. Na perspectiva do diálogo, da equidade de gênero, dos direitos iguais e respeito as diferenças é válido considerar que todos tem lugar de fala, que compreendam e passem a exercitar uma consciência mais humana e solidária. Djamilia elucida:

Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica, sequer se pensem. Como disse Rosane Borges, para a matéria O que é lugar de fala e como ele é aplicado no debate público, pensar lugar de fala é uma postura ética, pois “saber o lugar onde falamos é fundamental pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdades, pobreza, racismo e sexismo”. (RIBEIRO, 2017, P. 84).

O sentimento de pertencimento remete a compreensão que a diferença sexual que inferioriza, o preconceito, os estigmas, a subalternização são questões ético-política, na qual giram as pautas específicas de cada categoria de mulheres, há o entendimento, por exemplo, do que é a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

luta das mulheres trans. Por isso, não podemos pensar nas mulheres como uma categoria única, universal, o lugar de fala de uma mulher branca da periferia, não é o mesmo que o da mulher indígena. Mesmo tendo pautas em comum como o combate as todas as formas de violência, por exemplo é fundamental aprofundar e reconhecer as diferenças

Djamila Ribeiro (2017,p.69), destaca a diferença de lugar social e lugar que ocupamos “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. Podemos então fazer a seguinte reflexão: os motivos pelos qual matam as mulheres brancas ou negras, são os mesmos pelo qual matam as mulheres trans? Por que tem mais mulheres negras como empregada doméstica? Quais as pautas atuais das mulheres operárias? Em relação a saúde e outras políticas, qual atenção dada as mulheres indígenas?

Estamos diante de inúmeros motivos da necessidade da pluralidade de movimentos. Em um artigo<sup>2</sup> sobre o feminismo, a professora de Ética do Departamento de Filosofia da UFRJ, mestre

e doutora em Filosofia (PUC-Rio), e pesquisadora da teoria feminista, Carla Rodrigues, destaca que a filósofa francesa, Françoise Collin, define muito bem essa diversidade de categorias, “o feminismo é um movimento plural, sem hierarquia, dogmas, controle ou estruturas centralizadas, que não defende uma verdade, mas está em permanente processo de construção de uma agenda que evolui e se modifica”.

O feminismo tem sido um motor que tem impulsionado a vida das mulheres, a partir da década de 1960 é retomado na cena política, contribui para que as mulheres passem a estudar, a ter menos filhos e a saírem para trabalhar fora. Esses primeiros passos foram fundamentais para que ao longo dos anos novas categorias de feminismos emergissem e novas pautas ganham cena nas reivindicações das mulheres, as universidades e partidos políticos de esquerda tem se tornado espaços onde as mulheres ao longo da história vem se reorganizando, fazendo com que diversos temas passam a ser cobrados como temas políticos.

Pretendemos chamar atenção para as configurações das relações de poder e de

---

<sup>2</sup> - Extraído do site:

<https://projetocolabora.com.br/artigo/feminismos>. Acesso em 20 de julho de 2018.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher, e Relações de Gênero

organização dos feminismos nesse contexto urbano amazônico. Tratando-se de perfis bem diferenciados, jovens universitárias, negras, indígenas, operária, trabalhadora rural, trans e lésbicas. Entender essa pluralidade de feminismo é ir além das relações sociais de sexo e de classe, a relação entre capitalismo, patriarcado e relações hierarquizadas. Portanto, essa imersão de novos feminismos nos leva a necessidade de entendermos as categorias de gênero, classe e sexualidade, como categorias descritivas nas suas particularidades.

Quais os desafios desses feminismos, diante do crescente discurso que se avoluma em uma sociedade heterossexual, branca, classe média alta e cisgênera? Ainda mais com o aporte de instituições, como uma parte significativa do parlamento, o fundamentalismo religioso. A quem não interessa discutir gênero? Quais as políticas públicas e acesso a cidadania garantido as jovens, negras, indígenas, operária, trabalhadora rural, trans e lésbicas? Grupos estigmatizados a séculos, cujo a conjuntura política avoluma a marginalização e inferioriza e tende a invisibilizar ainda mais as mulheres.

Esse debate implica questionar toda uma estrutura social de produção de corpos, identidades e representações. São Categorias

que não aceitam mais a posição colocada a mulher como um ser apenas biológico, na qual sua existência pensante era totalmente ignorada. O lugar de fala dos feminismos, na busca da emancipação feminina, na luta por uma sociedade mais humana, vai no sentido também de provocar uma ampla reflexão na perspectiva de concebermos o outro, a outra como sujeitos. Esta reflexão nos leva ao pensamento de Edgar Morin sobre essa compreensão humana:

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão. (Morin, 1999, p. 50).

É importante a compreensão e reconhecimento dos humanos como sujeitos, é fundamental tornar visível as diversas experiências das mulheres, as diferentes formas de assujeitamento das mesmas, a





**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

diversidade das condições de vida e das relações de poder das mulheres que as faz alcançar a liberdade de forma desigual. De acordo com Torres (2005) quando se trata das mulheres amazônidas a situação torna-se mais desafiadora, “as mulheres amazônidas enfrentam tripla discriminação social. Trata-se da discriminação de gênero, étnica e regional”.

Essa tripla discriminação e invisibilidade que as mulheres não aceitam mais, as novas configurações dos feminismos marcam uma epistemologia com novas protagonistas.

## **VOZES E *LOCUS* SOCIAL DOS NOVOS FEMINISMOS**

As conexões com as diversas questões sociais políticas, culturais e econômicas, as circunstâncias, as novas configurações e os recortes de gênero vão se desenhando, novos protagonismos surgem, principalmente entre mulheres jovens que por meio das percepções, das leituras, das notícias, do auto reconhecimento e da não-aceitação das formas de subordinação e da

invisibilidade ocupam seu lugar de fala na luta pelo acesso à cidadania e como sujeito de direitos.

Uma dessas vozes é Nicole Maria Fernandes de Sousa (21 anos) graduanda em Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas, a qual expõe sua opinião sobre o tema da seguinte forma:

Milito no movimento estudantil da UFAM e no movimento estudantil de serviço social. Faço parte da Comissão de ética e Direitos Humanos do CRESS 15° região. Me considero feminista. A necessidade, de ainda no século 21 nós termos de lutar por igualdade de gênero, por respeito nossos corpos, sexualidade, por dignidade, por representatividade das mulheres e etc.

Atualmente não faço parte de nenhum coletivo feminista e me identifico com o feminismo interseccional por acreditar que é necessário dar voz e compreender todas as especificidades existentes no ser mulher.

Meu lugar de fala é enquanto mulher e negra (de pigmentação mais clara) reconhecendo o racismo como



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

elemento estrutural e devido a isto um elemento que rende experiências distintas com o preconceito entre negros e negras mais e menos retintos. Sobretudo, acredito importante ressaltar o compromisso na defesa dos direitos humanos.

Acredito que o surgimento de feminismos se dá devido as experiências vividas pelas mulheres que fazem parte do coletivo, suas identificações com determinadas teorias e/ou práticas. (entrevista realizada em julho de 2018).

Nota-se nessa chamada terceira onda do feminismo a adesão de mulheres jovens e cada vez, mais presentes nas universidades. Cada vez mais cedo as mulheres encabeçam a luta pela equidade de gênero, pelo direito ao corpo, liberdade sexual e principalmente pelas ocupação das mulheres no diversos espaços, sobretudo, nos espaços de poder e decisão. Kívia Mirrana de Souza Pereira (23 anos). Estudante de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Amazonas, é mais um exemplo de uma jovem feminista no espaço acadêmico. Sobre o feminismo ela enfatiza:

Me considero feminista. Meu posicionamento como feminista se deu em

dois sentidos: um na Universidade e outro em uma esfera bastante particular. Quando ingressei na Universidade, aos 18 anos, pude ter acesso ao estudo sobre a emancipação, autenticidade e luta feminista por meio da História, minha formação acadêmica. Entretanto, por ter crescido em um lar cristão, fiquei um tempo um constante conflito moral e religioso. Mas, nesse mesmo meio, na igreja, eu fui abusada e molestada sexualmente e foi somente com os ideias e sororidade feminista que eu me senti aceita disposta a mudar minhas concepções religiosas e morais. Foi a partir desse momento que eu uni o meu aprendizado na Universidade com a minha trajetória de vida.

Sobre meu lugar de fala, espaço e luta: Meu espaço de atuação se dá no partido e na Universidade, esse último de forma mais intensiva. Mesmo sendo um espaço de conhecimento, as mulheres dentro da Universidade sofrem os mesmos preconceitos, represarias e abusos, na verdade, é um reflexo do que



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

enfrentamos

diariamente fora dela, dessa forma, acho válido e muito significativo, as mulheres se emanciparem através do conhecimento. Por isso, participo e defendo a participação feminina no Pacto Universitário de Ação e Educação em Direitos Humanos (UFAM) e no Conselho Municipal de Juventude, e em outros espaços que estou envolvida indiretamente. Sei que sou privilegiada por ter acesso a espaços como esses, dessa forma, luto e defendo que mais mulheres consigam garantir o seu espaço e lugar de fala, sem opressões e abusos morais. Defendo também que mais mulheres estejam no espaço universitário, assim como no Parlamento e tenham políticas públicas que garantam sua segurança, autonomia e igualdade.

Manaus tem um histórico de luta e resistência. Por meio da História e dos Movimentos Sociais, percebemos que a atuação da mulher no espaço cidadão não se deu de uma hora pra outra. As mulheres, desde a segunda metade do século XIX tiveram acesso à

educação e aos ideais feministas que circulavam pelo mundo. A exemplo, formaram sociedades de socorro mútuo, organizaram passeatas em defesa da abolição da escravatura em 1884, criaram jornais com punhos políticos e identitários, formaram grêmios e clubes recreativos e junto com as associações mais sólidas, participaram das primeiras greves em Manaus no início do século XX. Esse histórico de luta e resistência não acabou e chegou, de forma em alguns momentos mais intensiva que em outras, às mulheres periféricas. Hoje em dia, temos mulheres de diferentes classes sociais no mesmo espaço, a exemplo: o Partido dos Trabalhadores e outros partidos, isso se deu graças ao envolvimento mais engajado das mulheres e a possibilidade de acesso a informação e formação concedida e conquistada nos últimos governos. Dessa forma, unindo o histórico de luta com a formação e informação dos ideais feministas, vamos conquistando mais adeptas. E, por se tratar de uma sociedade plural, com diferentes identidades, a formação de novas



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

bandeiras de lutas, resistência, conquista e defesas de direitos se dá. Isso além de muito significativo, é muito expressivo, pois assim mais mulheres conseguem defender e conquistar os seus direitos. (entrevista realizada em julho de 2018)

O feminismo teve e terá grande contribuição na construção de uma sociedade mais justa, mais humana, muitas dessas transformações vem pelas vozes e lutas de jovens como a Kivia. Capra (1982, p.19) ao mencionar as mudanças em curso subjacentes no nosso meio natural e social, os novos protagonismos, em relação as transições presentes no momento, aponta três que abalarão os alicerces de nossas vidas e afetarão profundamente o sistema social, econômico e político. Um deles é o declínio do patriarcado, e afirma que o feminismo será peça importante nessas transformações, “O movimento feminista é uma das mais fortes correntes culturais do nosso tempo, e terá um profundo efeito sobre a nossa futura evolução”.

Magali Patrícia Rocha Azevedo (24 anos) jovem negra, estudante de jornalismo, ao falar da sua luta e fatores que o levaram a se tornar uma feminista, declara:

A medida que fui amadurecendo passei a entender que metade dos questionamentos que eu tinha sobre a posição da mulher na sociedade, não era besteira. Sabe aquela frase "Por trás do homem, sempre tem

uma grande mulher", enfim. Isso sempre me irritava ao extremo, então fui me empoderando aos poucos sobre a luta feminista e de fato era essa pauta que eu tinha que defender.

Daqui há uns dias, vou completar 24 anos mas, aos meus 9 anos de idade, descobri o que de fato tinha acontecido para que se "comemorasse" o 8 de março. Fiquei chocada, ao saber que operárias haviam sido mortas em uma fábrica, por estarem reivindicando direitos trabalhistas justos para a função que ocupavam. Naquela período, essa descamufagem me fez ver as coisas diferentes.

Até deixar de ser estudante secundarista, eu sempre batia na escola sobre a verdade do dia internacional da mulher. Sou filha de mãe solteira, e por diversas vezes, ouvia as pessoas dizerem que eu precisava de um pai, pois só um homem dava jeito em filha mulher. (entrevista realizada em julho de 2018).

A realidade de Magali retrata a de muitas outras com lares chefiados por mulheres. Sua fala traz a visibilidade e a especificidade da luta das mulheres negras, pela



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

emancipação, mas sobretudo, pelo reconhecimento como sujeitos de direitos. A luta das mulheres negras é fundamental para denunciar as desigualdades e a opressão que arrasta a séculos, além de apontar novas epistemologias e configurações dos feminismos, como afirma a professora, Giovana Xavier da Universidade do Rio de Janeiro que o feminismo negro em sua principal pauta é “o ato de restituir humanidades negadas”.

Brenda Natacha de Alencar Felix, (27 anos) estudante de Marketing na Faculdade La Salle. Atualmente Secretária Estadual LGBT do PT/AM, Secretária Geral da UEE (União Estadual dos Estudantes) e do ICAM (Instituto Cultural Afro Mutalembê). Mulher, negra, lésbica, relata sua percepção de feminismo e lugar de fala:

Acredito que sempre fui feminista. Cresci numa família que mesmo tendo a figura masculina, fomos criadas de forma matriarcal. Somos 2 filhas e minha mãe nunca nos ensinou afazeres de casa para termos a família tradicional, nos criou para sermos independentes, estudas e conscientes dos nossos direitos enquanto mulheres.

Milito mas ativamente no segmento LGBT. Sou

mulher negra, lésbica, luto pelos direitos de mulheres (independente da raça, credo ou cor), pelos espaços de vez e voz, pela igualdade de direitos, pelo espaço político partidário.

A partir do momento que nós mulheres nos demos conta do quanto importante é lutar pelo nosso espaço, surge várias formas de lutar por ele. Penso que Manaus começou esse processo tardiamente, mas que aos poucos está se encorpando. Sinto o movimento de mulheres ainda com muitas praticas impostas pela sociedade que são machistas, excludentes, bifóbicas e transfóbicas (a partir do momento que não pautam a bissexualidade e Transexualidade). Alguns pautas precisam ser discutidas de forma ampla, chamando a sociedade para o debate e construção de políticas de proteção, valorização e empoderamento da mulher. (entrevista realizada em julho de 2018).

Maria de Jesus, (40 anos), trabalhadora em uma empresa do setor



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

eletrônico e dirigente Sindical, torna-se a voz de tantas mulheres operárias que passam partes de suas nas fábricas do Distrito Industrial de Manaus. Jesus relata sua motivação de continuar na luta feminista:

Antes de tudo, sou mãe, filha, irmã, tia e amiga. Sou trabalhadora à 07 anos numa empresa do setor eletroeletrônico, na função de reserva de produção. E nesta empresa 80% são mulheres. E também sou dirigente Sindical. Sim, me considero feminista, ao longo da minha vida sempre fui feminista, só que eu não tinha clareza. Agora o que me fez, o que me faz ser ainda mais feminista, é saber que sempre lutei, luto e continuarei essa luta por igualdade, liberdade e fraternidade das mulheres. Meu lugar de fala é minha liberdade de expressão, mostrar e falar para as mulheres dos nossos direitos e deveres das nossas lutas e conquistas na sociedade. Pertencço a todos os espaços, por que lugar de mulher é onde ela quiser. Defendo o que é justo para as mulheres

trabalhadoras, que sofrem com assédio moral, violência doméstica, desigualdade de salários e feminicídio. Acho que aumentou o feminismo em Manaus, por que as mulheres querem dar um basta em tudo o que vem acontecendo, a sororidade e a empatia cresceu muito entre todas. (entrevista realizada em julho de 2018).

A professora Dra. Jornalista, Ivania Vieira<sup>3</sup>, que a muitos anos vem se dedicando ao estudo de gênero, ao ser interrogada sobre os fatores que levaram ao surgimento de vários feminismos em Manaus, destaca:

Manaus não está descolada dos inúmeros e múltiplos eixos das lutas feministas e de mulheres em todo o mundo. Talvez, a ciência sim tenha se isolado noutra direção e ignorado por longo período a diversidade e a multiplicidade desse tema como questão importante para a produção de outros olhares.

Os impactos produzidos na vida das

---

<sup>3</sup> - Professora da Universidade Federal do Amazonas/ UFAM. Programa de Pós-Graduação em





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mulheres, das famílias e nas cidades pela conjugação dos projetos de exploração dos recursos ambientais e, mais recentemente, na feição neoliberal, com ataques sistemáticos ao meio ambiente que tem na Amazônia um dos espaços de interesse e de possibilidades de expansão, levaram à reação em multifacetada, e, algumas delas estão diretamente configuradas nas lutas das mulheres amazônicas. Setores da ciência começam a perceber a importância de enxergar e compreender os tecimentos dessas lutas e superar uma aparente necessidade primeira, etiquetar ou não essas lutas como feministas.

Vencer esse dilema (o da etiquetagem dos movimentos de mulheres) é um exercício difícil e necessário nas narrativas sobre as lutas das mulheres em Manaus e no Amazonas, na Amazônia. E o é igualmente precioso para as narrativas feministas porque enxergá-las nesse campo de lutas pode significar enxergar outros exercícios

feministas que fazem a luta maior seguir em frente e avançar na essência da proposta libertária embrionária do feminismo.

As lutas das mulheres de Manaus e do Amazonas estão aí e faz tempo. Nossos olhos engessados e nossa compreensão em determinada perspectiva, por vezes, muito distantes de nós e mais perto de realidades europeias e estadunidenses, é que não nos permitiram percebê-las em seus protagonismos. A lógica de um conhecimento onde o que está fora do quadrado deve ser eliminado porque não prevaleceu. Hoje, outras viagens estão sendo feitas e outras arquiteturas construídas e são esses esteios que possibilitam inserir nos estudos acadêmicos as Outras e os Outros da América Latina, da Pan-Amazônia e da Amazônia pelo viés da compreensão e não do enquadramento a priori. As lutas das indígenas reivindicam superar determinados limites. Quanto mais andarmos no território compreensivo mais poderemos prospectar o universo das lutas de mulheres de Manaus e do Amazonas.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

(entrevista realizada em julho de 2018).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar de fala leva ao questionamento das hierarquias e como este é colocado no debate público, grupos de mulheres silenciadas, que a partir das suas vivências, questionamentos e percepções, buscam a compreensão dos feminismos, vão identificando, inserindo-se nas lutas, ocupando seus espaços e revelando as multifacetadas e o longo caminho “rios” que o feminismo tem a percorrer.

As protagonistas que se apresentam neste artigo, pontuam pautas que estão na ordem do dia há muitos anos, como o combate à violência, igualdades de salários entre homens e mulheres, por exemplo. Porém, apontam para a urgência e necessidades de discutir de forma ampla, chamando a sociedade para o debate e construção de políticas de proteção, de valorização e reconhecimento da mulher como sujeito, de discutir pautas como a sexualidade, racismo e todas as formas de desigualdades que marginalizam, inferiorizam e estigmatizam as mulheres.

O surgimento das diversas categorias de feminismos, mostra a compreensão de

que só reunir mulheres, negras, indígenas, trans, lésbicas, jovens... não é o suficiente, mas é fundamental reconhecer as diferenças e romper com a hegemonia construída de um feminismo de uma face só .

Como afirma a professora Ivânia Vieira, “Manaus não está descolada dos inúmeros e múltiplos eixos das lutas feministas e de mulheres em todo o mundo”. Neste sentido, reconhecemos que as lutas das mulheres em Manaus, na Amazônia é constante e faz tempo que diversos grupos feministas se organizam no enfrentamento a todas as formas de opressão e invisibilidade. Porém, constata-se que as configurações de novos feminismos vem contribuindo para a quebra de mitos, como por exemplo, que todas as feministas são iguais, ou que no feminismo só existe política de mulheres para as mulheres, e da insistência de falar das mulheres como universais.

Na identificação do lugar de fala, as mulheres cada vez mais cedo vem buscando superar as desigualdades que historicamente e socialmente foram aprendidas. Não aceitam mais as formas de poder e dominação imposta, que implicam na desvalorização do oprimido, que as colocam como subalternas.

Notamos na terceira onda do feminismo a adesão de mulheres jovens e



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cada vez, mais presentes nas universidades, encabeçam a luta pela equidade de gênero, pelo direito ao corpo, liberdade sexual e principalmente pela ocupação das mulheres no diversos espaços, sobretudo, nos espaços de poder e decisão.

Ressaltamos também a importância das configurações e protagonistas dos novos feminismos que emergem em Manaus, para a contribuição da descolonização do pensamento que se construiu ao longo dos séculos sobre a Amazônia, sobretudo, no que se refere as mulheres.

Essas configurações, remete também a urgência da ressignificação das identidades, de quebrar um sistema de uma epistemologia dominante que invisibiliza as narrativas das categorias das quais as mulheres entrevistadas e outras mulheres fazem parte. O lugar de fala desses novos feminismos forcem a construção de debates a partir de outras geografias e um novo olhar sobre os territórios, no sentido de ultrapassar os limites dos discursos dominantes. E por fim, os feminismos a partir de seus locus social e experiências distintas, culminam novas perspectivas para a construção de uma sociedade de sujeitos existentes e reconhecidos nas diferenças.

## REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **A TEIA DA VIDA**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eicheberg. Ed. Cultrix. SP. 1996.

\_\_\_\_\_. **O ponto de Mutação**. Tradução: Álvaro Cabral Consultoria: Newton Roberval Eicheberg Capa: layout de Natanael Longo de Oliveira e colagem de Tide Hellmeister. 1982.

D'ATRI, Andrea. **Pão e Rosas**: identidade de gênero e antagonismo da classe no capitalismo. Tradução Marina Fuser, Miriam Rocco. 1. Ed. São Paulo: Edições Iskra, 2008.

[https://globouniversidadeproducao.s3.amazonaws.com/Corpo\\_Artigo\\_Indefinido.pdf](https://globouniversidadeproducao.s3.amazonaws.com/Corpo_Artigo_Indefinido.pdf). Acesso em 23 de julho de 2108.

Ipea: **Retratos das desigualdades de gênero e raça**: 1995-2015. p. 1

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (30 de agosto de 2017). «**Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação** com data de referência em 1º de julho de 2017. Acesso em 24 de julho de 2018.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: Repensar a reforma Reformar o pensamento 8a edição Tradução ELOÁ JACOBINA Copyright © 1999, Éditions du Seuil.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *educação & realidade*. Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. p. 91.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

TORRES, Iraildes Caldas. As Novas Amazônidas- Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2005.

XAVIER, Giovana. Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta. Folha de S. Paulo, 19 de jul. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/JVA9FJ> . acesso em: 25 de outubro de 2018.